

DIÁLOGOS E ENCONTROS COM DOCENTES E PESQUISADORAS NEGRAS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM QUÍMICA DE UNIVERSIDADES FEDERAIS DE MINAS GERAIS

Jaime Augusto de Jesus
Maria Simone Euclides

Introdução

O presente texto é parte da dissertação de mestrado intitulada por “Aqui tem intelectual preta sim: docentes pretas em programas de pós-graduação nas Ciências Exatas e da Terra em universidades públicas de Minas Gerais, e teve por, intuito dialogar sobre os caminhos acadêmicos despendidos por docentes negras que atuam em programas de pós-graduação nos cursos de Química das universidades federais de Minas Gerais; identificar como gênero e raça interpelam as suas trajetórias acadêmicas e profissionais, bem como apresentar suas produções acadêmicas e intelectuais das mesmas.

Partimos do pressuposto de que o racismo estrutural e as relações de gênero interpelam as trajetórias educacionais e profissionais de mulheres negras, nos espaços institucionais, como as universidades públicas, por exemplo. Além disso, considerando “territórios de saberes”, como as áreas das Exatas e da Terra, as presenças masculinas se dão em maior recorrência. Sendo uma mulher negra, como essas travessias se dão? Assim, além de apontar os desafios, ousamos neste texto, apresentar as agências e fazeres das docentes negras junto às suas respectivas instituições de atuação.

Caminhos metodológicos

Metodologicamente, utilizou-se da abordagem de pesquisa quantitativa. Na primeira etapa, utilizou-se da heteroidentificação racial, que consistiu na análise de 650 fotografias anexadas aos currículos lattes das docentes, credenciadas nos programas de pós-

graduação das áreas elencadas. Essa análise incluiu traços fenotípicos: cabelos, traços faciais, contornos dos lábios e cor da pele. Após a identificação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 4 docentes da área de Química. As entrevistas permitiram captar dados objetivos, mas também as percepções e narrativas pessoais das participantes. Além das entrevistas, analisamos também, por meio do Currículo Lattes de cada docente, suas publicações em artigos científicos, capítulos de livros, orientações concluídas no mestrado e doutorado, grupos de pesquisas, projetos de pesquisas e as temáticas abordadas em suas pesquisas, de modo a compreender as agências dessas docentes nos respectivos programas de pós-graduação.

Para identificação das instituições universitárias públicas, atribuímos letras do alfabeto brasileiro. Para preservarmos as identidades das depoentes, optamos por atribuir-lhes codinomes de mulheres negras notórias nas ciências: Niceia Quintino Amauro, mulher preta ativista, professora e pesquisadora de ensino de Química; a Eliza Maria Ferreira Veras da Silva primeira professora negra doutora em Matemática no Brasil; Nair de França Araújo professora doutora em Química e Enedina Alves Marques primeira mulher negra formanda em Engenharia Civil no Brasil.

Tabela 1- Codinomes das docentes por universidades e programas de pós-graduação

Professoras	Universidade	Programa de Pós-graduação	Raça/Cor
Eliza Maria Ferreira Veras da Silva	Universidade Federal A	Química	Preta
Enedina Alves Marques	Universidade Federal M	Química	Preta
Niceia Quintino Amauro	Universidade Federal C	Química	Preta
Nair de França Araújo	Universidade Federal B	Química	Preta

Fonte: Jaime Augusto de Jesus (2023).

O ingresso no Ensino Superior

Ingressar numa universidade federal, em um curso como Química, e prosseguir com estudos, evidencia uma escolha consciente por parte das mulheres pesquisadas. Do mesmo modo que matricular-se num curso superior de uma universidade pública, após passar por um funil, marca novos episódios e desafios nas trajetórias acadêmicas das mulheres aqui interpeladas.

Ademais, ocupar uma vaga em um curso superior nas universidades públicas federais significa que os (as) agentes realizaram investimentos pedagógicos maciços desde o início da escolarização. O capital escolar foi convertido em capital acadêmico, em forma de “*habitus* desenvolvido durante a escolarização sendo convertido em capital científico aplicado à prática de pesquisas acadêmicas” (Bourdieu, 2003). O “preço” dessa aquisição só compreendemos a partir das narrativas de cada uma.

A competência acadêmica das depoentes se nota pelas estratégias elaboradas por cada uma delas dentro do campo para prosseguir construindo suas trajetórias acadêmicas, em meio aos percalços e, às vezes, à improbabilidade. Em relação à competência acadêmica, subentende-se a competência cultural que as capacitou para relacionar-se com os agentes e tomar decisões estratégicas para garantir a permanência no campo. Como afirma Bourdieu, o conhecimento do campo assegura aos agentes uma melhor posição na disputa e apropriação do capital acadêmico (Bourdieu, 2003).

Horas e dias a fio de estudos, disciplina, rigor e produções são estratégias verificadas nas ações das depoentes desta pesquisa durante as trajetórias acadêmicas das mesmas. Para conquistar e manter excelentes padrões de produções acadêmicas, não basta somente conhecimento sobre as áreas científicas, os agentes devem desenvolver habilidades sociais e culturais que possibilitam mover-se dentro do campo em constante movimento e mudanças de posições.

Eliza Maria Ferreira Veras da Silva desenvolveu uma trajetória acadêmica brilhante. Iniciou a graduação aos 18 anos na UFJF, concluiu

a graduação e prosseguiu cursando a pós-graduação. Finalizou a graduação visando realizar pós-graduação: mestrado e doutorado. Antes de terminar a graduação, se preparava para o exame de seleção do mestrado. Alcançou o primeiro lugar no concurso de mestrado na classificação geral e, por necessidades reais, concluiu o curso de mestrado em tempo recorde. Efetuou doutorado em Química, cursou dois pós-doutorados: em Simulação Teórica e em Física do Estado Sólido.

Nair de França Araújo, logo no início da graduação, mostrou-se perspicaz ao avaliar o campo e ajustar suas necessidades à lógica dele. Isso mostrou uma capacidade inexorável de observação. Nair ingressou no curso superior de Bacharelado em Química de 1999-2002, na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte. Optou pelo curso superior em Química, porque havia realizado o curso profissionalizante em Química. Quando finalizou o curso técnico, sentiu-se atraída para a área de música, porém desistiu, pois não era inserida no universo da música. Fez o vestibular em Bacharelado em Química sem empolgação. Durante as etapas do vestibular, ela foi avançando e acabou logrando êxito. Cogitou em solicitar transferência para o curso de Psicologia ou Serviço Social, mas desistiu e acabou decidindo ir para a licenciatura em Química. Terminou o curso com 4 anos. Foi admitida no programa de mestrado em Química em 2004-2006, concluído em 2 anos. Foi aprovada no doutorado em 2006 sem terminar completamente o mestrado. De 2009-2011 realizou o pós-doutorado.

Enedina Alves Marques não se distancia das outras depoentes. Concluiu o curso de graduação com 5 (anos) em função da greve dos profissionais da educação pública superior. Ingressou no curso de mestrado no programa de Ciências Químicas na UFMG de 2002 a 2004. De 2006 a 2008, realizou o doutoramento na UFMG com 1 (ano) na França com período em “co-tutela no *Institut National Polytechnique* de Grenoble com bolsa do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq-Brasil”. O pós-doutorado na

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em Engenharia de Materiais e Metalurgia.

Nicéa Quintino Amauro ingressou no curso superior de Bacharelado em Química e terminou em 1997. Por sugestão do orientador, ingressou em 1998-2003 no doutorado, pois havia produzido muitos resultados na iniciação científica com publicação de artigos. Concluiu o doutorado em 4 anos e 11 meses. O primeiro pós-doutorado em 2004-2005 na *Université Pierre Et Marie Curie*, LISE/CNSR, França, ambos com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Coursou o segundo pós-doutoramento de 2019-2020, na *UNIVERSITY OF Califórnia - Berkeley*, *UC BERKELEY*, Estados Unidos.

O que há em comum e diferente nas trajetórias e vivências acadêmicas e profissionais dessas mulheres?

A Profa. Dra. Nilma Lino Gomes (2013) afirma que os intelectuais pretos verificados nas universidades a partir dos anos 90 ocupam posições diferentes nas academias. Eles (as) estão em sua maioria nas Ciências Sociais e Ciências Humanas. Eles/as realizam pesquisas que não são de interesses comerciais, pois não rendem patentes. As mulheres pretas e outras que pesquisam nas áreas da ciência “ditas duras” são responsáveis por preparar novas gerações de pesquisadores e professores para trabalharem com pesquisa, dominar ferramentas de pesquisa e produzir conhecimentos científicos em várias áreas do conhecimento.

As quatro protagonistas da pesquisa, Eliza Maria Ferreira Veras da Silva, Nicéa Quintino Amauro, Nair de França Araújo e Enedina Alves Marques, ministraram aulas particulares. As atividades de monitorias, aulas particulares em domicílio, contrato temporário na Rede Estadual como docente ou em projetos de extensão universitária, provocaram efeitos duplos, os/as estudantes estudam a matéria para ensinar, com isso, avançam nos estudos e em aprendizagem. A didática para ensinar consiste em ressignificar os conhecimentos e fazer

interconexões com outras áreas do conhecimento. Isso facilita tanto aos estudantes que recebem monitorias, quanto aos estudantes que realizam monitorias.

Havia duas famílias das depoentes que possuíam situações financeiras estáveis, porém quase não participavam da vida estudantil de ambas, até mesmo por exigências delas. O pai de Nicéa Quintino Amauro trabalhou como funcionário da área contábil. O pai de Nair de França Araújo trabalhou como funcionário público federal da Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A., na função de operador de máquina. Por mais simples que fosse a ocupação na empresa, o funcionário gozava de estabilidade e prestígio social, além dos direitos garantidos. Tanto Nicéa quanto Nair não queriam ser tão dependentes do dinheiro dos pais.

O pai de Eliza Maria Ferreira Veras Silva era funcionário federal da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima-RFFS e não executava funções de prestígio (cargos administrativos) que lhe rendesse bom salário, mas gozava de estabilidade e tinha os direitos garantidos, mesmo assim, tinha poucos recursos financeiros. Seu pai não participava ativamente de suas despesas com estudos.

Enedina Alves Marques não possuía recursos financeiros, o pai trabalhou como motorista de ônibus urbano. Ele também não participou da sua vida estudantil, contribuindo com recursos financeiros durante a graduação. Para se sustentar, Enedina trabalhou em empregos formais, mas passava por privação de recursos financeiros inesperados. Para suprir suas necessidades, ela ofereceu aulas particulares que rendiam alguns “trocados”. A bolsa fornecida pela universidade não cobria totalmente as despesas e, quando a família não conseguia auxiliá-la, a estudante devia “se virar”. O (a) estudante de classe popular vive tensões no campus universitário, sempre na expectativa de que algo aconteça, os famosos elementos surpresa: falta de recursos financeiros, falecimentos de parentes e adoecimento do próprio estudante podiam interromper carreiras escolares frágeis.

Quando as estudantes citadas acima realizaram o curso de graduação, as políticas de permanência eram frágeis e incipientes. As

estudantes se “jogavam de cabeça” para buscar formação superior que lhes possibilitasse seguir em frente, obter uma vida confortável financeiramente. Os investimentos pedagógicos empreendidos por elas indicam que estudar exige planejamento financeiro, administração de tempo e projetos de longo prazo. Nenhuma delas possuía planos elaborados que lhes garantissem longevidade escolar, então, empreenderam um trabalho escolar além da média, aprenderam o “ofício de estudante”, romperam lugares sociais que lhes foram impostos, apostaram todas suas “fichas” e possibilidades, jogaram-se num mar de incertezas, mas aprenderam a “nadar, nadando”.

Das motivações e escolhas para a realização da graduação em Química

O curso técnico é um dos caminhos para o ingresso no mercado de trabalho. É nele também que se praticam aulas de laboratórios que colaboraram para que Niceia prosseguisse com os estudos na área de Química para obter formação superior. Niceia Quintino Amaurofez o curso técnico em Química no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais CEFET-MG, escola que goza de prestígio no território mineiro por ter em seu quadro de professores de excelência. Niceia relata sua relação de proximidade com a pesquisa. Nas horas vagas do estágio, avançava, satisfazendo sua curiosidade. Posteriormente, escolheu o curso superior de química, guiada pelo interesse de se tornar pesquisadora.

Fiz o curso técnico de química no CEFET e gostei muito de química. Quando fiz estágio no Vale do Rio Doce, logo que me formei no curso técnico em química, fui para a Vale do Rio Doce estagiar. Gostei muito, acabava o estágio rápido para fazer experimentos, o supervisor permitia fazer a experiência. Como eu era muito curiosa, queria saber, por exemplo, se na moeda de prata tinha prata mesmo. Eu fazia abertura de amostra e dosava CT, queria saber quanto de carbono tinha no mosquito. Eu pegava os mosquitos e os colocava na cápsula. Aí resolvi fazer

química, entendeu? Eu tinha um espírito investigativo, tenho, né? (Niceia Quintino Amauro, 2023).

Nair de França Araujo também realizou curso técnico em Química. Desde a infância, desenvolveu espírito investigativo. Houve um investimento pedagógico do pai que contribuiu para se tornar uma pesquisadora.

Desde pequena, quando tinha uns quatro anos, nem lia direito, dizia que queria ser cientista. Ficava acompanhando meu pai que lia muitas revistas de ciências, aquela Superinteressante, ano zero. Mesmo sem saber, eu ficava do lado dele folheando as revistas. Cresci querendo ser cientista. Então fui fazer o curso técnico em química. Saí do curso técnico, fui para graduação e continuei na área. (Nair de França Araújo, 2023).

Eliza Maria Ferreira Vera da Silva realizou curso técnico em metalurgia. Não havia um planejamento escolar feito por ela ou pelos pais durante a infância. Ela foi avançando nos estudos, dando respostas de acordo com as demandas do campus social.

Sempre gostei de ciências exatas. Fiz o curso de metalurgia, minha experiência não foi boa. Os meus professores sempre me questionavam: por que uma mulher fazia metalurgia? É um curso para homem, curso pesado, pois mulher não tem força (pegar peso), *time necessary* (seria menos usual) fazer esse curso. Quando fui pro estágio obrigatório, me encantei com setor de qualidade. O setor é específico para químicos, ou engenheiros químicos, e ou engenheiros metalúrgicos. Então, como gostei da área da metalurgia mesmo, gostava de solda. Fui buscar curso superior em Juiz de Fora, o mais próximo, seria o curso de química. (Eliza Maria Ferreira Vera da Silva, 2023)

Enedina Alves Marques, não teve nenhuma aspiração e nem investimento escolar que possibilitasse a escolha do curso de bacharelado em química, a não ser uma professora que foi sua

referência. “Afinidade com a área de exatas e motivação em função da professora de química que tive no ensino médio” (Enedina Alves Marques, 2023).

As cientistas em Química, interpeladas nesta pesquisa, desde a graduação, apresentaram competências acadêmicas citadas anteriormente, no que podemos chamar de “trajetórias de excelência”. Bolsistas financiadas pelas principais agências de fomento em pesquisas, ligadas ao governo, conseguiram alcançar ótimos coeficientes acadêmicos, mesmo tendo que dividir o tempo com outras atividades, docência no ensino médio noturno e aulas particulares. Como se vê, mesmo com elevados desempenhos acadêmicos, acredita-se que passaram por tentativas de “epistemicídio” (Carneiro, 2023).

Mesmo sofrendo tentativas de negação de suas intelectualidades e descrédito com suas produções acadêmicas, elas deram a volta por cima, prosseguiram. Mas a qual custo? Se não for problematizado aqui essas trajetórias e vivências, entendendo o pano de fundo no qual elas são acionadas, correremos o risco de romantizar dores do racismo e do sexismo.

As pessoas pretas (homens/mulheres) entram nas ciências modernas não como pesquisadores(as), mas como objetos que precisam ser pesquisados pelos cientistas brancos. Homens e mulheres pretas vistos como meros objetos de pesquisa, portadores de conhecimentos que precisam ser explorados para compreender a evolução humana. “Até os poucos cientistas pretos são tratados pelos pares cientistas brancos especialistas como “objetos” (Carneiro, 2023).

Continua a autora acima, o epistemicídio é uma ação que provoca a aniquilação da razão dos sujeitos pretos (as) produtores (as) de conhecimentos que não possuem validade na lógica da epistemologia eurocêntrica. Os paradigmas, cânones e epistemologias são ferramentas que fazem parte da estrutura nas qual os conhecimentos científicos precisam se encaixar para serem validados. Os conhecimentos que não passam pelo filtro da academia, são excluídos. Enfim, o epistemicídio tenta esmagar, aniquilar a

epistemologia construída a partir das minorias silenciadas (Carneiro, 2023).

A tentativa de epistemicídio causa efeitos nefastos na vida acadêmica de estudantes e profissionais ligados à docência universitária. Ele deixa marcas profundas no “inconsciente” causando sofrimentos que impactam à autoestima. O epistemicídio acontece, por meio dos rituais acadêmicos: bancas, seminários, fóruns acadêmicos e bancas de concursos para docentes e vestibulares. Há estudantes que escapam do epistemicídio à custa de muito esforço, são os sobreviventes aos rituais acadêmicos. Negar ou diminuir o conhecimento produzido por alguém, é negar sua maneira de ver o mundo e explicá-lo, portanto, epistemicídio afeta a subjetividade (Bueno; Anjos, 2022).

Além do epistemicídio, há o racismo institucional. Os agentes não reconhecem ou talvez ignorem que certas práticas podem gerar discriminação, obstaculizar e “prejudicar” interesses de grupos em função da cor e raça. O racismo institucional se revela por meio de práticas implícitas ou explícitas, formais ou informais, que dificultam o acesso a determinados grupos e às instituições. É uma ação violenta, porque causa dor ao atingir o ser em sua mais profunda dimensão, na dignidade humana. O racismo institucional cria hierarquias mediante práticas profissionais, ditas neutras, universalistas em instituições públicas ou privadas. A cor/raça/gênero são poderosos instrumentos de distribuição de privilégios e oportunidades na sociedade, na qual há hierarquização (Santos, 2017).

E é também nas micro relações sociais que a pessoa negra experimenta o racismo individual. Grada Kilomba encontrou uma forma orquestrada de racismo que “encurrala” a vítima em uma forma de triangulação, na qual não há como escapar. De acordo com a autora

[...] o racismo cotidiano é realizado em uma constelação triangular, na qual o sujeito negro aparece em destaque, sozinho. Há sempre três elementos incluídos nesta performance: o sujeito branco que ataca, o sujeito negro que é atacado e o público branco que, em geral, observa silenciosamente, representando o consenso branco (Kilomba, 2019, p. 231).

Nair de França Araújo passou por tentativa de aniquilação intelectual e desvalorização de sua produção intelectual. Quando cursava o doutorado, ingressou em um grupo de pesquisa e nele tinha um professor branco (cientista e professor com Pós-Doutoramento) especialista em uma determinada temática, porém machista e racista. O grupo, ao qual Nair de França Araújo pertencia, faria um estudo da temática estudada por esse professor. Ela se dedicou à temática, “varando noites e madrugadas adentro” estudando e aprendeu o raciocínio da técnica que ele havia desenvolvido. Após compreender a teoria, Nair efetuou algumas alterações e descobriu algo extremamente inédito naquela época. No momento do seminário em que estava apresentando o trabalho, o professor afirmava que o raciocínio dela estava errado. Nair argumentava haver provado matematicamente que a técnica originada do seu raciocínio estava correta, era algo novo e estava correto. Seu orientador auxiliou nas argumentações, validando sua descoberta, porém ele foi irredutível. Quando finalmente ele falou:

Não pode estar correto! Isso aí, não pode está correto! Pois fulano e ciclano são autoridades na área. Eu “o carro chefe do grupo” de pesquisa, estudo isso há tempos. Nunca pensamos nisso. Como fulano e ciclano não pensaram nisso primeiro? Logo você! Por que não pensamos nisso primeiro? (Nair de França Araújo, 2023) (Grifo do autor).

A todo custo, os homens brancos de dentro das academias tentam resguardar o conhecimento sobre seus controles. Eles se acham autorizados a definir o que é científico, o que é verdade, o que pode ou não ser validado. Homens e mulheres brancos se autoproclamam como modelos universais, enquanto o povo preto é silenciado como pesquisadores e estudantes, não se fazendo presentes nas universidades ou agências de pesquisas, a ideia de ciências e intelectualidade não será alterada, permanecendo sob o controle da branquitude, sendo consequentemente reproduzida como modelo universal da verdade. “Portanto, o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva

científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de “raça” (Kilomba, 2019, p. 53).

Nicéa Quintino Amauro passa pela experiência de tentativa de epistemicídio ao não ter suas conquistas reconhecidas. Ela é bolsista de produtividade, autora de vários artigos e livros e citada em vários artigos científicos de sua área de atuação. Ela tem, também, várias premiações por trabalhos científicos. Neste ano de 2023, ela entrou para a Sociedade Real de Química do Reino Unido, “o título é concedido aos cientistas que tenham feito grandes contribuições na área”. Ela se queixa de que o prêmio Capes de tese não foi divulgado no site da universidade.

Eu sou a única daquele departamento que tem um prêmio Capes de tese, a única orientadora. Procure no site da pós-graduação para ver se você vai encontrar meu prêmio lá. Eu já escrevi três vezes para o coordenador falando. Eu ganhei o prêmio e tal. Para mim, uma honra, pois trabalho muito sozinha, para mim foi quase um prêmio Nobel (Nicéa Quintino Amauro, 2023).

Em outro momento, de cunho familiar, Nicéa, apresenta como o imaginário racial circunda toda a sociedade, moldando nossas subjetividades e identidades:

Quando terminei de preparar o memorial para apresentação para a banca para progredir na carreira de professora titular, apresentei para minha mãe. Queria ouvir a opinião dela. Minha mãe teve uma fala que até hoje não consegui entender direito. Ela sugeriu que para a apresentação, eu deveria alisar os cabelos. Eu não aliso cabelos há cinco anos, a senhora acha que preciso alisá-los? (Nicéa Quintino Amauro, 2023).

A mãe da Nicéa, mesmo fora dos debates raciais, presumiu que em espaços racializados, a leitura da corporeidade das pessoas de cor preta é realizada imediatamente. É pelo corpo que se projeta a visão de mundo e conhecimentos. A mãe da depoente, pelas experiências e vivências com racismo, tenta chamar a atenção da filha, que o corpo se

faz presente antes das ideias e pensamentos e, tudo que emana desse corpo, não teria legitimidade.

De acordo com Luiz Augusto Campos (2017), o racismo se faz presente nas relações sociais em três dimensões: individual, ações e atitudes e institucional. Na dimensão individual, atribui-se inferioridade natural a determinados grupos com estilos de vida específicos. Sendo assim, o racismo remete aos casos específicos de natureza psicológica, que são ideias, crenças, ideologias, significados, dogmas e estereótipos, como, por exemplo, ao buscar uma imagem mental de um cientista, logo vem a imagem de um homem branco. Essa imagem é sustentada pela crença de que outros grupos sociais não fazem ciências, que as capacidades intelectuais estariam reservadas somente a grupos específicos (Campos, 2017).

Continua, Campus, na dimensão atitudinal, o racismo se manifesta por ações, práticas e comportamentos, assim, as ideias e crenças deixam de ser definidores de racismo. Este passa a existir por meio de xingamentos, olhares, piadas e gestos. A exemplo, quando o vigilante de um determinado estabelecimento segue uma pessoa preta efetuando compras em lojas e supermercados (Campos, 2017).

Na dimensão estrutural, o racismo é sistêmico. Embora práticas e ideologias sejam camadas importantes, são as estruturas racistas que sustentam o racismo na sociedade. Não é possível operacionalizar as três dimensões do racismo separadamente, elas se sustentam, tornando o racismo difícil de superar (Campos, 2017).

A antropóloga e professora Alexandra Eliza Vieira Alencar (2021) relata sobre suas experiências para conseguir empregos e nos concursos públicos para a professora universitária, dizendo que foram “sete processos seletivos”. Ora era qualificada demais para assumir os cargos disponíveis, ora não estava apta a assumir cargo de professora universitária.

A professora continua dizendo que os concursos não têm nada a ver com mérito, mas sim com o racismo institucional atuando através dos membros das bancas compostas quase sempre por homens e mulheres brancas que selecionam os candidatos (as) por critérios

subjetivos ou mesmo pelo filtro racial. O concurso, a depender do edital, é constituído das seguintes etapas: prova escrita, prova de títulos ou prova de defesa de memorial e projeto de atividades acadêmicas. Na prova escrita, os/as candidatos/as não passam sob o olhar das bancas, portanto sua corporeidade não pode ser avaliada. É nessa etapa que se verifica maior número de aprovação para a etapa seguinte. Na defesa do memorial ou prova didática, a depender do edital, os/as candidatos/as passam a ser classificados(as) pela corporeidade.

As dimensões do racismo estrutural, ideológico e atitudinal são experimentadas por todas as mulheres da pesquisa, porém, em alguns relatos, ficam mais em destaque. Enedina Alves Marques aponta o cabelo como elemento que atrai olhares. Ela lamenta a falta de aceitação das pessoas e colegas da instituição universitária na qual trabalha aos seus cabelos naturais:

Lembro-me de que, uma vez houve uma indireta “acho que conheço alguém que faz escova progressiva” (Enedina Alves Marques, 2023).

Nicéa Quintino Amauro também aponta seus cabelos como alvo de racismo. Ela submeteu os cabelos ao alisamento (uso de produtos químicos que produz alisamento nos cabelos) mais ou menos até 2017. Conversando com a estudante, foi convencida a usar os cabelos naturais. A estudante durante as conversas apontou o quanto os cabelos de Nicéa são bonitos. De tanto insistir sobre a importância de usar os cabelos com traços da ancestralidade, ela resolveu usá-los de forma natural. A estudante, ao elogiar os cabelos de Nicéa, ressaltando traços positivos de sua negritude, colaborou para o fortalecimento da sua autoestima encorajando-a a buscar traços da ancestralidade em sua corporeidade. Nicéa também teve que lidar com depreciação da sua corporeidade pela colega, atribuía o corpo como algo exótico. A partir disso, passou ao ouvir palavras que depreciavam seus cabelos, dizia:

Uma colega também me perguntou se eu gastava muito dinheiro com meus cabelos para deixá-los desse jeito, que eu devia gastar

uma fortuna. Falou que a filha dela tinha bundinha de negro, sabe, uns termos assim. Eu ficava olhando assim, por que falam isso comigo? Eu não gostei das palavras que ouvi, mas eu nada falei, não a deixei falando (Nicéa Quintino Amauro, 2023).

Gomes (2006) aponta que os cabelos são elementos importantes na composição da estética feminina preta. Os cabelos da mulher preta, vistos como cabelos (ruins duros, sarará) são camadas do racismo. A desvalorização atribuída aos cabelos da mulher preta e a supervalorização concedida aos cabelos de mulher branca, fazem a mulher preta viver verdadeiros conflitos/tormentos que não se constituem simplesmente em aceitar ou não os cabelos, passam pela rejeição, ou aceitação do corpo, incluindo os cabelos. A libertação emocional e cognitiva dos velhos padrões estéticos, que produzem hierarquização de grupos de mulheres, será desconstruída a partir do reforço da “identidade”. A luta contra os padrões impostos e o racismo são lutas coletivas, nenhuma mulher deve enfrentá-las sozinha.

Atuações e contribuições acadêmicas e intelectuais das docentes nos programas pós-graduação

As informações inseridas no currículo *lattes* do profissional revelam que tipo de profissional ele se tornou, quais cargos ocupou. Indica, pontualmente, aspectos importantes sobre a carreira profissional e acadêmica, no entanto, não explicita como foi a construção das carreiras: percalços e sofrimento, nem informa como foram os investimentos pessoais das pessoas na construção das carreiras profissionais.

Ao analisar o currículo *lattes*, observam-se limitações enquanto documentos para análise de um profissional, pois corre-se o risco de o documento não estar atualizado. Embora tenha consciência dessas limitações dos currículos *lattes*, foram consideradas para análise as informações dos últimos 5 anos das 4 docentes. Para extrair os dados dos currículos *lattes* das docentes, foi usado um roteiro previamente

elaborado. Posteriormente, foi construída uma tabela para inserir as informações extraídas dos Currículos *Lattes*.

Das informações do Currículo Lattes de cada docente, nos interessava conhecer suas produções e fazeres acadêmicos. Assim, foram extraídas dos currículos lattes as produções de grande alcance nacionais e internacionais, tais como projetos de pesquisas nos quais os resultados são publicados em revistas científicas de grande alcance e circulação nacional e internacional. Também foram acrescentadas informações sobre produções relevantes, como produções de livros, capítulos de livros que circulam nas academias como fonte de leituras.

Tabela 2. Trabalhos acadêmicos que abordam as temáticas raciais

Modalidade	Profa. Dra. Nicéa Quintino Amauro	Profa. Dra. Nair de Franca	Profa. Dra. Enedina Alves Marques	Profa. Dra. Eliza Maria Ferreira Veras Silva
Trabalho em final de graduação				Representatividade negra no Ensino de química: utilizando jogo memória para dar visibilidade aos química negros e as químicas negras presentes na histó- ria da química. A Estética Do Ca- belo: Das Vivências Ao Aprendizado De Ciências
Projeto e iniciação científica				Ensaio sobre o perfil dos estudantes retidos na disciplina de

				química geral da UFV: Os processos de reprovação e retenção se articulam com os grupos sociais historicamente excluídos da educação, como os negros, os indígenas, as pessoas com deficiência ou as populações LGBTQIA+?.
Projeto de Extensão				Negros na - Universidade. Vivência e desafios em meio a comunidade acadêmica. Trajetórias das mulheres negras Acadêmicas nas ciências da natureza. O Eu, o Outro e a Comunidade: Oficinas culturais para o fortalecimento da identidade pessoal positiva, do reconhecimento das diversidades estética, étnico-raciais e da

				consciência negra na educação infantil. A trajetória da mulher negra e acadêmica de ciências da natureza
Orientação de mestrado com temática racial	Capacidade de Limpeza dos Cabelos com Diferentes Surfactantes e Danos Causados por Lavagens Cotidianas			
Orientou Capítulo de livro				Representatividade negra no ensino de química: utilizando do jogo da memória para dar visibilidade aos químicos negros e as químicas negras presentes na história da química.
Outros envolvimento com a temáticas raciais		Livro “Eu, menina preta”	Participação em bancas de heteroidentificação do campus onde é professora	

Fonte: Jaime Augusto de Jesus (2023)

Na tabela acima, é possível perceber que as docentes da pesquisa, de algum modo, dialogam com as questões raciais. Isso mostra o quão é importante a atuação dessas mulheres nos departamentos de Ciências Exatas e da Terra nas universidades públicas, as quais constroem carreiras docentes. Encontrar abertura para inserir discussões raciais em áreas tão pragmáticas quanto à Química é um desafio e uma conquista. Nas Ciências Exatas e da Terra, dão poucas aberturas para discussões sobre as questões raciais. O pragmatismo das ciências ditas duras impõe aos estudantes e pesquisadores outras demandas que não passam pelas questões raciais. Dificilmente, há, nas grandes áreas de ciências duras, linhas de pesquisa que contemplem temáticas que incluem questões ligadas à raça/cor.

Nas áreas nas quais as docentes pesquisadas lecionam e pesquisam, existem dificuldades para inserir temáticas raciais. Quando há algum interesse sobre as temáticas envolvendo questões raciais, parte dos (as) estudantes que entram nas universidades traz histórias individuais e coletivas de opressões e outras realidades que precisam ser consideradas ao construir conhecimentos científicos sobre as temáticas raciais. A professora Nicéa Quintino Amauro orientou uma estudante de Mestrado sobre cabelos em 2019.

Uma estudante me procurou porque queria fazer mestrado na área de cabelos e essa área não é minha, minha área é magnetismo molecular. Só que eu resolvi entrar nessa área porque a gente ficou amiga. Ela estava no último semestre na faculdade e resolveu fazer o mestrado comigo porque acatei a ideia dela de trabalhar com cabelos. Já que no Departamento de Química ninguém tinha feito isso antes. A pesquisa era avaliar os danos causados nos cabelos usando xampus normais, se os xampus do tipo *Low Poo* ou *No Poo* sem surfactantes, sem Lauril sulfato de sódio que causaria danos aos cabelos. Pesquisamos, vimos que de fato o Lauril causa danos aos cabelos. Ele abre as fibras capilares, descobrimos também que os produtos que contêm silicones aderem muito aos cabelos e acabam prejudicando-os. Então esse foi um achado da pesquisa - que produtos com silicone também não são bons, mas a gente usa

para fazer chapinhas. As moças usam para selarem os cabelos, mas são péssimos, com o tempo o cabelo fica ensebado. O produto não sai das fibras capilares, então acaba com os cabelos quebram, ressecam. Foi essa pesquisa que a gente fez (...) conversamos sobre os aspectos das influências dos cabelos na vida das pessoas de cor negra, porém bem de leve. Não víamos esses tipos de cabelos crespos nos espaços. Ela, inclusive, não conseguiu convencer a mãe a abandonar o secador de cabelos. A mim ela conseguiu! (Nicéa Quintino Amauro, 2023).

Constata, conforme a tabela 2, que todas as professoras/pesquisadoras desta pesquisa se envolvem com temáticas raciais, umas envolvem-se mais e outras menos, porém isso não as tornam alheias às discussões. Conforme o quadro acima, a profa. Dra. Eliza Maria Ferreira Veras da Silva desenvolveu trabalhos com as temáticas raciais: orientou 2 Trabalho de Conclusão de Curso, 1 projeto de iniciação científica, 4 projetos de extensão universitária, 1 coordenação de capítulos de livro. Ao todo, foram 8 ações que discutiram diretamente sobre questões raciais. As três Profas. Dra. Nicéa Quintino Amauro 1(uma) Orientação de mestrado com temática racial, Profa. Dra. Nair de Franca, outros envolvimento com a temáticas raciais (publicação de 1 livro de literatura afrobrasileira) e Profa. Dra. Enedina Alves Marques Outros envolvimento com as temáticas raciais – (Participação em bancas de heteroidentificação do campus onde é professora).

Talvez o volume de trabalho com as temáticas raciais desenvolvidos pela docente Eliza, deve ao fato da Universidade Federal-A a qual a docente pertence, tenha avançado consideravelmente com as políticas internas de inclusão racial e implementação das leis de reservas de vagas para estudantes e docentes negros, a Lei 12.711 de 29/08/2012 em seu artigo 3º prever reservas de vagas aos estudantes autodeclarados negros, isto é, estudantes pretos, pardos e indígenas conforme IBGE e estudantes e quilombolas, a Lei 12.990 de 09/2014 prevê a reserva de 20% das vagas em concursos públicos federais aos candidatos (as) aos cargos docentes

negros e negras. Essa Lei abrange também os candidatos aos cargos docentes nas Universidades Públicas e Instituições ligadas à União.

A professora Nair de França Araújo desenvolve trabalhos e produção de textos sobre temática racial externos à academia. No final do ano de 2023, lançou o seu livro autobiográfico: “Eu, menina preta”. A professora citada acima não participou enquanto estudante e nem desenvolveu nenhum projeto de extensão envolvendo a questão racial, ela colaborou em um projeto social assim que concluiu o curso de graduação em Química. Vale lembrar que, a partir da literatura, demarcou uma escrita antirracista.

Enedina Alves Marques Teixeira, apesar de discutir a temática racial, não desenvolve projeto de pesquisa e nem de extensão que envolvam temáticas raciais. Aponta haver uma preocupação de seus pares com a temática racial. Sua fala indica haver trabalhos pontuais com alunos e funcionários e que há disciplina na área de Humanas que aborda as temáticas raciais. Deve-se considerar que, os simples fatos de alguns estudantes que cursaram disciplinas na área de humanas, não quer dizer que os professores fazem a discussão sobre temáticas raciais. Geralmente, na minha disciplina, por ser de exatas, acabo não abordando (questão racial), mas sei que alguns estudantes fazem disciplinas na área de humanas. [...] A gente de alguma forma percebe que existe um trabalho [sobre discussões de igualdade racial], tem grupos de professores na extensão [que discute]. Para funcionários e técnicos costuma ter palestras (Enedina Alves Marques, Teixeiras, 2023).

Considerações finais

As análises das entrevistas permitiram a compreensão dos investimentos escolares e acadêmicos feitos por elas para construções de carreiras profissionais de sucesso. Mesmo situadas na avenida da interseccionalidade gênero/raça, elaboraram estratégias para enfrentamento e vencimento das opressões interseccionais, e fizeram mobilidade social e econômica, construíram carreiras escolares longevas chegando aos níveis de pós-doutorado em áreas das ciências exatas como a Química; área de difícil acesso à população negra, sobretudo para mulher.

No que diz respeito ao levantamento das informações do currículo lattes, a pesquisa evidenciou que, mesmo em contextos adversos, as docentes ministrando aulas e pesquisando em áreas de exatas e pragmáticas como Química, as 4 docentes direta ou estão indiretamente envolvidas em temáticas raciais dentro das quatro universidades públicas pesquisadas.

Ficou evidente que as 4 mulheres têm compreensão dos lugares que ocupam na engrenagem universitária. Elas compreendem a relevância dos seus trabalhos para as ciências e a importância da resistência e enfrentamento ao racismo. Elas lidam sempre com o racismo individual e institucional e, constantemente, têm que responder aos conflitos que acontecem por causa dele. As docentes têm consciência do legado que estão construindo, uma universidade inclusiva para as futuras gerações.

Referências

ALENCAR, A. E. V. Re-existências: notas de uma antropóloga negra em meio a concursos públicos para o cargo de magistério superior.

Revista de Antropologia, v. 64, p. 1-22, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ra/a/nmvFzGj6T93fNv77dVs3dgR/>.

Acesso em: 31 mar. 2024.

BOURDIEU, P. O campo científico. In. ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2003. p. 112-143,.

BUENO, W. de C.; ANJOS, J. C. dos. Da interseccionalidade à encruzilhada: Operações epistêmicas de mulheres negras nas universidades brasileiras. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 359–369, 2021. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/40200>

.Acesso em: 01 jun. 2023.

BRASIL. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília. DF. 29 de agosto.2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 9 de out. de 2025.

BRASIL. **Lei n.12.990 de 9 de junho de 2014.** Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Diário Oficial da União: Brasília, DF. 9 de julho 2014. disponível em: <https://www.gov.br/lncclncc/pt-br/concurso-lncclncc-2023-1/lei-12-990-2014.pdf/view> . Acesso em: 9 de mai. de 2023

CAMPOS, L. A. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/8YsCLH9MsCZ3dPWC47JLmFd/>. Acesso 03 de abril 2023.

CARNEIRO, S. Epistemicídio. In.: CARNEIRO, S. **Dispositivo de Racialidade:** a construção do outro como não, como fundamento do não ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Autêntica Editora, 2006.

GOMES, N. L. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In.: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.).

Epistemologia do Sul. São Paulo: Cortez, 2013. Cap.14, p.413-435.

Disponível em:

<https://temascontemporaneosdotorg.files.wordpress.com/2016/02/boaventura-de-sousa-santos-maria-paula-meneses-epistemologias-do-sul-cortez-editora-2014.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.238.

SANTOS, I. A. A. dos. **O racismo Institucional**. In. SANTOS, I. A. A. dos. (Org.). Direitos Humanos e práticas de racismo. Brasília: Editora Câmara, 2017. Cap 1, p.21-35.